

A abordagem cultural da Comunicação de James W. Carey*

Filipa Subtil**

Resumo

A perspectiva cultural ou ritual de James W. Carey, expoente dos estudos culturais críticos nos EUA, para pensar a Comunicação, os media e o Jornalismo permanece praticamente desconhecida na língua portuguesa. Carey integra um conjunto de teóricos que, a partir da década de 1960, na Europa e nos EUA, procuraram caminhos alternativos à tradição de investigação norte-americana dominante, centrada nos efeitos, funções e usos dos *mass media*. Este artigo incide no ensaio fundador da sua proposta *A cultural approach of communication* (1975), embora não se confine ao mesmo. Três questões fundamentais são abordadas: Comunicação, Comunicação e modernidade e a visão cultural ou ritual da Comunicação. A hermenêutica crítica é a metodologia utilizada. Procura-se ir além das respostas de Carey ao seu contexto, destacando a sua contribuição para um entendimento da Comunicação como um ritual participatório no qual e através do qual os seres humanos geram, mantêm e transformam a cultura em que vivem.

Palavras-chave: James W. Carey. Comunicação. Estudos Culturais Críticos. Ritual. Transmissão.

James W. Carey's cultural approach of Communication

Abstract

James W. Carey is renowned as the founder of critical cultural studies in the US even though his theoretical approach to Communication, Journalism and the new media remains little known in the Portuguese academic world. Carey is part of a wide group of academics who, in the 1960s in both Europe and the US, sought out alternative approaches to mainstream mass communication research and its excessive focused on the effects, functions and usages of mass media. We

* Conserva-se o português de Portugal.

** Professora doutora nos cursos graduação e pós-graduação em Comunicação, Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa – Portugal. E-mail: fsubtil@escs.ipl.pt

focus our attention here on his seminal article *A Cultural Approach to Communication* (1975) – but not exclusively. This article presents Carey's answers to three main questions: Communication, Communication and modernity as well as the cultural or ritual approach to Communication. Critical hermeneutics was chosen as the methodological framework. We seek to reach beyond Carey's responses to his context by highlighting his contribution to the understanding of communication as a participatory ritual in and through which human beings construct, maintain and transform their culture.

Keywords: James W. Carey. Communication. Critical Cultural Studies. Ritual. Transmission.

La abordagem cultural de la Comunicación de James W. Carey

Resumen

La perspectiva cultural o ritual de James W. Carey, exponente de los estudios culturales críticos en los EUA, para reflexionar sobre la Comunicación, los media y el periodismo, permanece prácticamente desconocida en la lengua portuguesa. Carey integra un conjunto de teóricos que, a partir de la década de 1960, en Europa y los EUA, procuraron caminos alternativos a la tradicional investigación norte-americana predominante, centrada en los efectos, funciones y usos de los *mass media*. Este artículo incide en el ensayo fundador de su propuesta *A cultural approach of communication* (1975), a pesar de no confinarse al mismo. Tres cuestiones fundamentales son abordadas: Comunicación, Comunicación y modernidad y una visión cultural o ritual de la Comunicación. La hermenéutica crítica es la metodología utilizada. Se procura ir más allá de las respuestas de Carey a su contexto, destacando su contribución para un entendimiento de la Comunicación como un ritual participatorio en el cual y a través del cual los seres humanos generan, mantienen y transforman la cultura en la que viven.

Palabras clave: James W. Carey. Comunicación. Estudios Culturales Críticos. Ritual. Transmisión.

No quadro da crise de grande envergadura que ocorreu no final do período de euforia e expectativa pós-II Guerra Mundial, James W. Carey foi um autor que, a partir de meados dos anos de 1960, integrou o contexto de contestação à hegemonia dos modelos de estudo da sociedade e da Comunicação inspirados pelos métodos das ciências naturais, propondo uma estimulante abordagem cultural ou ritual da Comunicação. Contrastando com o reconhecimento crescente do seu pensamento, a obra de Carey mantém-se, porém, ainda largamente negligenciada nos meios universitários de língua portuguesa.

Carey nasceu em Providence, nos EUA, em 1934, e faleceu em maio de 2006. No início da sua carreira foi professor na Universidade de Iowa, movendo-se depois para a Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign. A partir de 1990, passou a leccionar na prestigiada Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, em Nova York, onde fundou o seu programa de doutoramento¹. Desde a sua morte, têm-se multiplicado as homenagens em livros e revistas académicas que discutem o seu trabalho. São já em número considerável os académicos que, nos EUA e na Europa, prosseguem com os seus ensaios uma conversa sobre Comunicação, Jornalismo e novos média nas sociedades contemporâneas.

Carey pode ser incluído num leque diversificado de pensadores que perfilham a noção de que as sociedades não são constituídas apenas em torno de relações de produção, de posse e poder, mas também de partilha, troca e conflito de símbolos, sentidos e formas culturais. Na década de 1960, para além do exemplo de autores como Alfred Schutz e Northrop Frye na América do Norte, outros projectos culturais foram erguidos nas universidades inglesa, francesa e alemã por teóricos como Richard Hoggart, Raymond Williams, Stuart Hall, Roland Barthes, Paul Ricoeur e Jürgen Habermas. Apesar de não se circunscrever ao mesmo, o presente artigo centra-se no seu ensaio seminal *A cultural approach of communication*, publicado pela primeira vez em 1975. Como discutiremos neste texto, o pensamento de Carey tem como referências na teoria social a tradição de Max Weber sobre os sistemas simbólicos e a perspectiva de Émile Durkheim sobre o ritual. Já as suas fontes directamente relacionadas com a Comunicação são o pragmatismo americano de John Dewey e George H. Mead, o legado da escola de Chicago do Pensamento Social e os estudos históricos e críticos de Harold A. Innis e Lewis Mumford. O projecto de Carey identifica-se com a ideia de que a sociedade é uma forma de Comunicação a partir da qual a experiência é descrita, partilhada, modificada e preservada. Do ponto de vista metodológico, a opção deste artigo recaiu na hermenêutica crítica, afastando-se

¹ Para uma biografia mas detalhada de Carey em língua portuguesa, ver Subtil (2006).

da “exegese erudita”, visto que se busca na autonomia semântica do trabalho de Carey não só revelar as configurações teóricas e a tradição de onde emerge, mas também as interrogações introduzidas para o mundo que interpretou e para questões de fundo de todos os tempos.

James W. Carey: fundador dos estudos culturais críticos nos EUA

Tal como outras propostas teóricas nos EUA, na Grã-Bretanha e na Europa continental no mesmo período histórico, Carey pugnou por uma viragem cultural na investigação em Comunicação quando esta ainda não era a tendência dominante nas humanidades e na sociologia. Carey sugeriu uma perspectiva da Comunicação que não a concebesse apenas como um fenómeno ligado à representação e sim como uma forma de interacção e troca de significados produzidos colectivamente através da simbolização. Esta opção conduziu-o a abandonar as formas de explicação que tinham dominado a chamada *mass communication research*, tal como foi desenvolvida por Harold Lasswell, Carl Hovland, Paul Lazarsfeld, Robert K. Merton, Herta Herzog, Charles Wright, entre outros, e o seu modelo utilitarista de ordem social (ARAÚJO, 2001, p.119-130). Implicou também estreitar as relações entre os estudos dos media, o conhecimento histórico e a teoria social, em particular o debate sobre a cultura de massas e a cultura popular (CAREY, 1979, p.288; [1986] 1992c, p.95).

Ainda enquanto estudante, foi seduzido pela tradição *verstehen*² europeia, através da leitura de *Critical Studies in The Logic of*

² A palavra alemã *verstehen* encontra tradução na língua portuguesa através do termo compreensão. A ideia weberiana de compreensão é devedora quer do movimento contra a assimilação da ciência social à natural impulsionada por Wilhelm Dilthey (1833-1911), quer da distinção realizada por Karl Jaspers entre explicação e compreensão. A explicação está ligada à inteligibilidade que implica proposições gerais e a compreensão a uma inteligibilidade ligada à singularidade. Para Weber, as ciências que incidem na realidade humana são ciências da cultura, distinguindo-se das ciências da natureza na medida em que os fenómenos sociais são irrepertíveis, únicos, produto de seres pensantes que dotam de significado o que fazem.

*Cultural Sciences*³, de Weber. Terá sido na sociologia compreensiva weberiana que encontrou encorajamento, como lembrou em mais do que uma ocasião (CAREY, [1986] 1992c p.95, 1997b, p.4, CAREY; GROSSBERG, 2006a, p.21)⁴, para agrupar uma vasta diversidade de empreendimentos intelectuais e posições políticas sob a designação de *cultural studies*. Esta expressão aparecia-lhe mais adequada para um cometimento que considerava ser largamente histórico, crítico, interpretativo e empírico. Na sua opinião, nem a economia política, nem o marxismo, nem o pragmatismo poderiam atingir sozinhos esse objectivo. Esse novo campo deveria contrapor-se, por um lado, ao trabalho teórico e empírico conduzido em nome da ciência positiva e, por outro, ao projecto de reconstrução social que era levado a cabo, implicitamente ou de outra forma, em nome desse conhecimento (CAREY, 1997b, p.3).

A relação do projecto de Carey com a tradição weberiana não se restringe apenas à invocação da palavra “cultura” para designar o movimento que propunha. O quadro teórico de referência da sociologia compreensiva foi considerado por si como determinante para proporcionar os princípios metodológicos de uma fenomenologia das sociedades industriais e para a descrição minuciosa da vida subjectiva e cultural dessas sociedades. Tal influência terá sido decisiva também noutro aspecto: se Weber fez de certas modalidades da fé religiosa um dos nexos fundamentais para compreender o mundo moderno, em particular o espírito do capitalismo, Carey procurou estabelecer relações entre doutrinas religiosas, visões da Comunicação, tecnologia e formas políticas.

Duas visões da Comunicação

Em *A Cultural Approach of Communication*, Carey atribui a Dewey o mérito de ter realizado uma reflexão sobre a Comunicação de grande complexidade, derivando esta da dualidade de sentidos

³ Este ensaio está publicado numa colectânea de textos de Weber traduzida e editada por Edward Shils e Henry A. Finch (1949, p.113-163).

⁴ Weber designou este empreendimento de “ciência cultural”, no seu livro *Naturwissenschaft und Kulturwissenschaft*. A opção semântica de Carey deveu-se ao facto de, como afirma, não se identificar com o “sentido honorífico” da palavra ciência presente na designação weberiana (CAREY, [1986] 1992c, p.95-96).

contrastantes que lhe atribuiu. Na história do pensamento ocidental, Dewey teria sido o autor que melhor compreendeu a existência de uma tensão entre duas formas de pensar a Comunicação e que a usou como fonte criativa no seu trabalho. Essas formas de pensar a Comunicação são denominadas por Carey como “visão transmissiva” e “visão ritual”, termos que, na verdade, se encontram muito próximos aos utilizados por Dewey em *Democracy and Education. An Introduction to the Philosophy of Education* ([1916]) 1944. Em contrapartida, faltaria a Dewey, segundo Carey, um melhor discernimento quanto às implicações do conflito entre aqueles dois modelos de entender a Comunicação, o que terá estado na origem de alguns dos seus problemas mais característicos. Por isso, mais do que reverenciar os seus esclarecimentos ou replicar as suas lacunas, sugere o prolongamento criativo do pensamento de Dewey a partir da problematização da mesma dificuldade inerente à ideia de Comunicação (CAREY, [1975] 1992a, p.14).

Na perspectiva de Carey, quer a visão transmissiva, quer a ritual, estão presentes na cultura americana desde que o termo Comunicação foi introduzido no discurso comum do século 20 e, tal como ocorre com muita cultura secular, têm origens no imaginário religioso, embora digam respeito a domínios distintos da experiência religiosa (CAREY, [1975] 1992a, p.14). É bem sabido que os clássicos da teoria sociológica exploraram abundantemente as mediações e conexões entre crenças religiosas e manifestações económicas, sociais, culturais e de mentalidade: Marx, em *Das Kapital*, com o fetichismo da mercadoria; Weber com a perspectiva da formação religiosa dos processos de racionalização e a tese da influência do calvinismo sobre a formação de uma ética de trabalho afim com a mentalidade económica do capitalismo; e Émile Durkheim, que concebia a religião como a sociedade projectada para as estrelas. Carey vai prosseguir esta intuição clássica para descobrir as raízes das duas visões de Comunicação que encontra na cultura ocidental. Para a visão transmissiva, a remissão, somente implícita, é devedora de Weber: por um lado, a influência das doutrinas religiosas na cultura secular, por outro, a indagação sobre o sentido ideológico ou normativo do comportamento humano. Para a visão ritual, como se

verá, refere-se à tradição sócio-antropológica de Durkheim sobre as formas elementares da vida religiosa e o seu conhecido argumento de que o sagrado se liga à força colectiva e impessoal que é uma representação da própria sociedade.

Para Carey, a visão transmissiva da Comunicação é a que se encontra mais difundida nas culturas industriais, vinculando-se a noções como “enviar”, “transmitir” ou “dar informação aos outros”. Remontando ao século 19 e prolongando-se até aos nossos dias, tem subjacente a metáfora do transporte, sendo que o transporte de pessoas e bens e o movimento da informação são vistos como processos essencialmente idênticos nomeados pelo termo comum de Comunicação. De acordo com Carey, o âmago da visão transmissiva encontra-se nos modelos convencionais da transmissão de sinais e mensagens à distância para propósitos de controlo. Esta ideia provém de um dos sonhos ancestrais dos seres humanos: “o desejo de aumentar a velocidade e o efeito das mensagens à medida que se disseminam no espaço” (CAREY, [1975] 1992a, p.15)⁵. Já na civilização egípcia, as noções de transporte e Comunicação estavam intrinsecamente ligadas e unidas pelo mesmo significado. A visão transmissiva terá prosseguido até à descoberta do telégrafo no século 19, meio técnico que abalou a identidade entre aqueles dois termos, embora a metáfora se tenha mantido. Apesar de as mensagens poderem ser produzidas e controladas centralmente, por via da monopolização da escrita por parte de certos grupos sociais ou da rapidez da produção impressa, mantinha-se a necessidade da sua distribuição através de transportes cada vez mais rápidos, pois só dessa forma alcançariam o efeito desejado.

Aprofundando a inquirição sobre as origens, na cultura ocidental, da visão transmissiva da Comunicação, Carey apresenta uma argumentação baseada na ideia de que ela assenta nas atitudes religiosas, embora essa influência apareça obscurecida por motivos políticos, económicos e tecnológicos. Encontrando-se presentes, estes últimos factores não são os únicos e não podem fazer negligenciar o motivo religioso, diz Carey, parafraseando a ideia de que

⁵Todos os excertos traduzidos são da responsabilidade da autora do texto.

a técnica baseada na ciência ocidental é um método para realizar o reino de Deus na terra⁶. Carey recorda que a importância daquele movimento no espaço está claramente presente nos ideários das igrejas reformistas holandesas da África do Sul, bem como nos movimentos puritanos da Nova Inglaterra. Quer num caso, quer noutra, o que movia estas populações era

o desejo de escapar às fronteiras da Europa para criar uma vida nova, para fundar novas comunidades, edificar uma nova Jerusalém fora da floresta de Massachusetts, estes foram os principais motivos que estiveram na origem de um movimento sem precedentes da civilização europeia branca virtualmente sobre todo o globo (CAREY, [1975] 1992a, p.16).

A deslocação migratória de enormes fluxos populacionais que ocorreu na formação do mundo moderno é interpretada como uma tentativa de trocar um mundo velho por um novo movido pela fé, tornando-se um acto redentor⁷. Esta seria uma crença estruturante da cultura norte-americana. Quando os meios de transporte colocaram em contacto a comunidade cristã europeia com as comunidades pagãs das Américas, tal processo foi visto como uma forma de Comunicação com profundas ressonâncias religiosas. A mudança de lugar foi uma tentativa para estabelecer e estender o reino de Deus, criar as condições a partir das quais uma compreensão religiosa pudesse ser alcançada e produzir um paraíso na terra. Assim, o significado moral do transporte era o estabelecimento e a extensão do reino de Deus na Terra, e o da Comunicação era idêntico. A partir de meados do século 19, o telégrafo ajudou a diferenciar Comunicação e transporte, mas este acontecimento terá sido igualmente investido de uma carga religiosa. Essa tecnologia foi também interpretada como sendo

⁶ Este é um tópico recorrente no pensamento filosófico e sociológico. A este respeito, entre muitas obras que podem ser consultadas, ver Leo Marx ([1967] 2000) e David F. Noble (1997).

⁷ Vale a pena notar que a esta perspectiva de Carey subjaz um “conceito social” de população que tem ressonâncias com a teorização desenvolvida por Maurice Halbwachs (1930). Carey estabelece um vínculo entre populações, movimento no espaço, tempo, memória e aspirações.

inspirada por Deus com objectivos de disseminação territorial da mensagem cristã a lugares cada vez mais distantes e de forma mais célere, eclipsando o tempo e transcendendo o espaço.

Se, no início do século 19, a metáfora religiosa era ainda preponderante, no seu transcorrer, por via da importância cultural crescente das forças da ciência e da tecnologia, o novo meio passou a ser pensado como ideal para a conquista do território e para controlar as populações:

A comunicação foi vista como um processo e uma tecnologia que, por vezes, para propósitos religiosos, distribuiria, transmitiria e disseminaria conhecimento, ideias e informações cada vez mais longe e mais rápido com o objectivo de controlar o espaço e as pessoas (CAREY, [1975] 1992a, p.17).

O crescimento dos meios de transmissão modernos foi tomado por um projecto político – Carey reforça esta observação num dos seus últimos depoimentos – cujo objectivo era instaurar novas formas de controlo político e novas oportunidades comerciais (CAREY; GROSSBERG, 2006b, p.200). Tendo surgido resistências contra esse projecto, que podem ser encontradas nas obras de intelectuais americanos como Henry David Thoreau⁸ e John C. Calhoun, tal não se revelou suficiente para alterar o rumo do pensamento e da cultura da América do Norte (CAREY, [1975] 1992a, p.17). De qualquer modo, segundo Carey, o olhar histórico-religioso nunca foi completamente obliterado do pensamento norte-americano, como bem mostra o lastro mecanicista da história dos meios de Comunicação. Pelo menos, desde o telégrafo e até ao mundo contemporâneo, esta história estaria marcada pela noção de que as máquinas de comunicar encerram possibilidades de melhoramento moral.

E não precisamos de ser recordados da regularidade com que a melhoria da comunicação é evocada por um contingente de professores, pregadores

⁸ Na obra literária de Thoreau detectam-se várias referências ao que o autor considera ser a ilusão em nós provocada por muitos “progressos modernos”, que nem sempre são um avanço positivo. Em *Walden; or Life in the Woods*, Thoreau faz alusões cépticas ao telégrafo magnético, ao sistema de correios e aos próprios jornais ([1854] 2009, p. 68-69; p.111-112).

e colunistas como talismã de todos os nossos problemas. Mais controversamente, as mesmas atitudes de origem, como posso aqui reivindicar mais do que demonstrar, estão ao serviço da maioria das nossas visões científicas sofisticadas da comunicação (CAREY, [1975] 1992a, p.18).

De acordo com Carey, a outra visão da Comunicação na cultura dos EUA é a ritual, a mais antiga das visões, embora uma narrativa menor na academia norte-americana. Nessa concepção, a Comunicação está associada a palavras como “partilha”, “participação”, “associação”, “companhia” e “posse de uma fé comum”. É na evocação de noções como “comunhão”, “comunidade” e “Comunicação” que, segundo Carey, a abordagem ritual assenta. Em contraponto à visão transmissiva, está orientada para a manutenção da sociedade no tempo e não para a disseminação das mensagens no espaço, para a representação de crenças partilhadas e não para o acto de transmitir informação. Enquanto o modelo transmissivo consiste na disseminação das mensagens à distância, a visão ritual centra-se nos efeitos de realidade da Comunicação no quotidiano e no cerimonial que atrai as pessoas para a partilha e a convivialidade.

Para Carey, a visão ritual da Comunicação deriva de uma concepção da religião que desmonta o papel do sermão, da instrução e da advertência, e que destaca as pequenas actividades do dia a dia, a festa, o cântico e a oração. É na construção e manutenção no tempo de um mundo cultural significante e ordenado, que serve de enquadramento da acção humana, e não na transmissão de informação, que a Comunicação, no seu entendimento, encontra a sua mais elevada e original manifestação. Como já se aludiu, Carey evoca para a sua reflexão o trabalho de Durkheim, *As Formas Elementares da Vida Religiosa. O Sistema Totémico na Austrália* ([1912] 2002), que cita explicitamente, no qual a interpretação dos rituais é realizada na sua relação com as estruturas sociais que sustentam. Como é bem sabido, Durkheim defende que as ideias, as crenças, as categorias básicas do entendimento humano e as operações lógicas mediante as quais pensamos provêm do ritualismo que consolida a memória grupal. Ideias e crenças, incluindo as religiosas e morais, emergem de práticas sociais, em particular

de práticas rituais. Em Carey, a visão ritual foi removida das suas origens explicitamente religiosas, mas nunca se desligou do seu fundo metafórico. Nesta linha de raciocínio, vê na projecção dos ideais colectivos e na sua incorporação em formas, como a dança, os jogos, a arquitectura, as histórias novas etc., o processo de criação de uma ordem ritual e simbólica que opera para representar uma ordem básica das coisas e manifestar comportamentos e processos sociais contínuos e frágeis.

Se a visão ritual da Comunicação não foi um tópico central da academia dos EUA, tal seria resultado, segundo Carey, de um preconceito intelectual relativamente à ideia de cultura no seu país. Esta atitude ficaria a dever-se, em parte, ao individualismo obsessivo, à sobrevalorização da vida psicológica, à desvalorização do significado da actividade humana que não seja prática e orientada para o trabalho produtivo. Na sua perspectiva, outro importante factor de desvalorização do elemento cultural por parte do pensamento social nos EUA é a ausência da noção de que a ciência faz parte da cultura ou, dito de outro modo, a separação da ciência do universo da cultura. É com uma certa ironia que Carey sintetiza este traço da mentalidade dos EUA: “a ciência fornece verdades livres de cultura enquanto a cultura fornece erros etnocêntricos” (CAREY, [1975] 1992a p.20). Compreendemos melhor este enquadramento cultural quando o ligamos aos efeitos do prestígio adquirido pelas ciências da natureza na reorganização da esfera do conhecimento. Os sucessos da física, da química e da biologia fizeram acreditar ou que certos saberes (a literatura, a história, outras formas culturais...) eram secundários quando comparados com as ciências experimentais, ou que os conhecimentos sociais deveriam aplicar os procedimentos considerados científicos ao estudo da sociedade. O que a citação de Carey desvenda é que a aura adquirida pela ciência se fez à custa da sua desvinculação da cultura, no sentido em que se perfilou em oposição à ideologia; e, no entanto, a convicção que ela é a solução de todos os problemas tornou-se na mais forte representação ideológica do mundo moderno.

No entanto, quanto à generalização da adesão dos estudos de Comunicação dos EUA à perspectiva transmissiva, Carey, num ou-

tro ensaio, sustenta que existem muitas exceções (CAREY, 1977, p.412). No mesmo texto, insiste que os estudos americanos estão baseados numa visão de Comunicação que pode ser designada por transmissiva ou de transporte porque, por um lado,

os seus termos definidores e centrais têm muito em comum com o uso da comunicação no século 19 como outro termo para transporte e [por outro] está também fortemente relacionada com o desejo de usar a comunicação e o transporte para estender a influência, o controlo e o poder a distâncias a cada vez mais vastas e para populações cada vez mais numerosas (CAREY, 1977, p.412).

Por contraste,

uma visão ritual da comunicação não está direccionada para a extensão das mensagens no espaço, mas para a manutenção da sociedade no tempo; não para o acto de partilhar informação ou influência, mas para a criação, representação e celebração de crenças partilhadas (CAREY, 1977, p.412).

Uma reflexão sobre o jornal permite a Carey apresentar as diferenças entre as visões transmissiva e cultural. Uma visão transmissiva tende a ver o jornal como um veículo para informar o público, disseminar notícias e divertimento a distâncias cada vez mais longas; suscita interrogações sobre os seus efeitos nas audiências, as suas funções e as das notícias relativamente aos processos de integração social, estabilidade e adaptação. Sob uma visão ritual, o jornal, mais do que descrever o mundo, torna possível participarmos colectivamente num rito social que faz com que um diálogo colectivo possa ocorrer e uma realidade possa ser partilhada. A leitura do jornal é um acto no qual o leitor se junta a um mundo de forças em luta como um observador num jogo. A visão ritual vê nas notícias não mera informação, mas um convite à participação na base do nosso assumir, frequentemente de forma vicária, papéis sociais dentro desse processo. À medida que os leitores fazem o seu caminho através do jornal, comprometem-se na mudança contínua dos papéis e do *focus* dramático (CAREY, [1975] 1992a, p.21) ⁹.

⁹ A respeito da reflexão de Carey sobre o jornal segundo as visões transmissiva e ritual, ver Jay Rosen (1997, p. 197-199).

Note-se que a forma como Carey apresenta o exemplo do ritual da leitura do jornal para discutir as diferenças entre a visão ritual e a transmissiva indica que esta distinção não deve ser entendida, de modo algum, de uma forma rígida. O ritual também ocorre de diversas maneiras na Comunicação de massas. Na verdade, a perspectiva de Carey é que nenhuma daquelas duas formas de pensar a Comunicação – a transmissiva e a ritual – nega necessariamente o que a outra afirma. A visão ritual não exclui o processo de transmissão de informação ou a mudança de atitude, apenas defende que não é possível entender de forma correcta estes processos sem os inserir numa visão da Comunicação e da ordem social que é primeiramente ritualística. Um comentador do trabalho de Carey, Kenneth Cmiel (1992, p.287), observa que a diferenciação entre as duas visões é menos radical do que aparenta. Se, em múltiplas ocasiões, a distinção entre teoria da Comunicação ritual e transmissiva surge de forma incisiva, noutras a separação não é completamente nítida. Tal tensão é reveladora de uma ambiguidade mais vasta que Cmiel detecta em Carey sobre a modernidade. Apesar da sua distância crítica relativamente às tendências de poder e comércio do mundo moderno, Carey “não quer de modo algum fazer o relógio andar para trás” (CMIEL, 1992, p.287). Embora sustentando o carácter primordialmente ritual da Comunicação, Carey considera que a Comunicação de massas também pode ter funções rituais ou desencadear “momentos de ritualidade”, para retomar uma noção de Marc Augé.

Seja como for, uma coisa é clara para Carey: o que é fundamental na Comunicação não pode ser deslocado para a esfera do transporte de sinais ou da transmissão de mensagens. Isto porque o risco da visão transmissiva é o empobrecimento do que se afigura como o essencial da Comunicação: “comunicação é um processo simbólico onde a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada” (CAREY, [1975] 1992a, p.23). A Comunicação é a base da solidariedade humana, produz os limites sociais, fictícios ou não, que ligam os homens e tornam a vida associativa provável. A sociedade é possível devido às forças de ligação que permitem a

inteligibilidade de uma realidade partilhada pelos co-participantes nela. De acordo com a visão ritual, a Comunicação é um "cerimonial" participatório no qual e através do qual geramos, preservamos e transformamos a cultura. Na Comunicação ritual não se joga apenas a transmissão de informações ou mensagens, mas a co-criação e partilha de actividades culturais que definem a realidade. Vivemos em realidades largamente criadas pela Comunicação e muitas vezes negligenciamos que ela é intrinsecamente ritualística. Carey pensava certamente em rituais tão variados como as formas de apresentação e de relacionamento no quotidiano, a leitura do jornal e discussão de notícias, assistir e participar em aulas, provas académicas, debates no parlamento, julgamentos no tribunal, conversar com os amigos, visitar os familiares, ir à missa, celebrar aniversários, cerimónias fúnebres, festas comunitárias etc. Em rituais participatórios como estes últimos, a condição de partilha de uma realidade compreendida está, segundo Carey, mais próxima dos fins da Comunicação.

Carey conjectura que cada uma das duas visões da Comunicação pode conectar-se com períodos históricos particulares e com um âmbito imenso de efeitos associados à ordem social, tecnologias, formas de dominação e emergência de modelos económicos. Carey considera que a visão transmissiva estava a dominar o pensamento norte-americano desde os anos de 1920, o período entre as duas guerras mundiais. Mas acrescenta que aquelas visões se articulam com diferentes perspectivas da natureza da linguagem, do pensamento e do simbolismo. "A visão transmissiva conduziu a uma ênfase na linguagem como um instrumento de acção prática e da razão discursiva, do pensamento como essencialmente conceptual e individual ou reflexivo, e do simbolismo como sendo sobretudo analítico. A visão ritual, por outro lado, vê a linguagem como um instrumento da acção dramática, do pensamento como essencialmente situacional e social, e o simbolismo como fundamentalmente fiduciário" (CAREY, [1975] 1992a, n.4, p.22). O que parece ser crucial para Carey é que cada uma das visões se plasma em "todas estas formas de interacção que são necessariamente a antecipação e a criação de formas de relações sociais e, por isso, de formas de institucionalização de modos de conduta e

formas de lidar uns com os outros” (CAREY; GROSSBERG, 2006b, p.200). De acordo com o seu ponto de vista, a visão transmissiva era aquela que dominava, desde a segunda década do século 20, tanto no pensamento como na investigação em Comunicação dos EUA. Ao fixar-se em tecnologias de largo alcance espacial, a Comunicação torna-se profundamente vulnerável na sua função comunicativa. Dewey terá tido consciência da existência de duas formas de Comunicação e da tensão entre elas, insiste Carey; todavia não terá compreendido todo o seu alcance, tendo ainda sobrevalorizado a informação científica e as tecnologias da Comunicação como a solução para os problemas sociais. Para Carey, as insuficiências de Dewey – e esta apreciação é estendida aos colegas pragmatistas da sua geração – eram as de um optimista político que tinha dificuldade em compreender adequadamente como as formas transmissivas estavam a ser usadas para os novos modos de controlo político exercidos pelos Estados à distância e para fins de comércio nacional e internacional.

O que é a Comunicação ou a Comunicação como mapa “de” e “para” a realidade

A digressão de Carey sobre as duas visões de Comunicação permite-lhe, assim, ir mais fundo no esclarecimento do seu significado: a Comunicação é o processo através do qual se constroem, apreendem e utilizam formas simbólicas que trazem a realidade à existência humana. A Comunicação humana é a actividade que constrói uma nova dimensão da realidade, o mundo codificado e pleno de significado que constitui a realidade simbólica em que vivem os indivíduos. Esta nova dimensão da realidade é construída através da agência que se designa por Comunicação.

Todavia, este entendimento aparentemente tão evidente do que é a Comunicação não se deixa apreender facilmente. As actividades que abrangem a Comunicação, como acenar, cumprimentar, identificarmo-nos, conversar, dar instruções, partilhar conhecimento, trocar ideias significantes, procurar informação, entreter e ser entretido, são tão vulgares e mundanas que é difícil transformá-

-las em objecto da atenção intelectual, retirá-las da trivialidade, torná-las estranhas, numa palavra, problematizá-las. Tal como o peixe ignora o seu ambiente aquático, diz Carey, recordando uma expressão de Marshall McLuhan, os seres humanos tendem a não prestar atenção à Comunicação, à actividade comum que através da linguagem e outras formas simbólicas compõe a ambiência do mundo humano (CAREY, [1975] 1992a, p.24). Confrontando-se com os que pensam que a Comunicação é algo mais “leve” e derivado de uma “mais real” natureza existente, Carey argumenta que, qualquer que seja a sua sofisticação, da conversa ocasional à expressão matemática, ela é o fenómeno primordial da vida humana e social. Mais do que conteúdo, a Comunicação é um conjunto de mapas – ou sistemas simbólicos – que criam relações sociais. Tais mapas são representações, abstracções e simplificações, que guiam os nossos comportamentos e simultaneamente transformam espaços indiferenciados em espaços apreendidos e inteligíveis. Estes mapas são multiformes, representam o que não está presente e produzem actos quando o estímulo real não está também fisicamente presente. Diferentes mapas apresentam o mesmo ambiente vivo de formas diversas e produzem realidades diferentes. “Viver dentro do dispositivo de mapas diferentes é viver dentro de diferentes realidades” (CAREY, [1975] 1992a, p.28).

Todos os mapas são representações “da” realidade e representações “para” a realidade, “símbolos de” e “símbolos para”. No exercício que Carey faz com as preposições “de” e “para” o que está em causa é uma definição de Comunicação que não se reduz à criação de significados e versões da realidade, mas que implica perguntar pelo significado, pelos valores, pelo sentido moral dos mapas que nos guiam através da vida. A actividade simbólica, como realça Carey, não envolve apenas a produção de realidade, implica manter aquilo que é produzido, porque haverá sempre novas gerações para quem as formas de expressão cultural que lhes antecederam serão insuficientemente problemáticas e para quem a realidade tem de ser renovada.

Assim, estudar Comunicação é examinar o processo social no qual as formas simbólicas significantes – os mapas que usamos para

nos orientar na vida – são criadas, apreendidas e usadas. Formulado deste modo, envolve um vasto campo empírico, que diz respeito a todas as tentativas de construir, manter, reparar e transformar a realidade, todas as actividades publicamente observáveis que ocorrem no tempo histórico. A criação, expressão e transmissão do nosso conhecimento de algo e das nossas orientações em direcção à realidade é realizada através da construção de uma variedade de sistemas de símbolos, como a arte, a ciência, o Jornalismo, a religião, o senso comum, a mitologia etc. Por isso, para Carey, as perguntas, só aparentemente muito simples, que os estudos de Comunicação devem formular são: como é que isto é feito? Em que é que diferem estas formas? Quais são as diversidades históricas e comparativas? Como é que as transformações nas tecnologias da Comunicação exercem influência no que se pode criar e apreender concretamente? Como é que os grupos sociais lutam pela definição do que é real?

Por sua vez, a metáfora do mapa também se aplica ao próprio estudo da Comunicação. O estudo da Comunicação implica construir mapas, por outras palavras, teorias ou modelos de representação do processo comunicacional. À semelhança dos outros mapas, as teorias da Comunicação são representações simples e imperfeitas de um processo complexo e contingente que não é possível compreender senão na sua incompletude. Tal como todos os mapas, os modelos de estudo “da” Comunicação são também modelos “para” a Comunicação, têm uma natureza dual, não são apenas descritivos, têm implicações morais. Enquanto modelos “de” Comunicação, descrevem-nos o processo da Comunicação, enquanto modelos “para” a Comunicação, induzem o comportamento que descreveram. Assim, o processo de Comunicação pode ser estudado empiricamente segundo diversos modelos, mas estes têm sempre implicações valorativas distintas, ao promoverem diferentes formas de relações sociais. Dito de outro modo, a Comunicação é uma actividade moral, tal como a nossa teorização sobre ela.

A identificação da Comunicação com o ritual e a conversação

Para Carey, como vimos, toda a Comunicação tem um substrato ritualístico e é, com frequência, primordialmente ritualística.

Por sua vez, o ritual é entendido como uma acção simbólica. A actividade simbólica gera a cultura e o ritual cria as formas de relações sociais nas quais os indivíduos entram como contenedores de processos que ocorrem dentro dessas formas. Através da actividade simbólica é construído o mundo cultural e social, e depois vivemos no mundo que construímos. Representamos o mundo (construímos mapas) para vivermos no mundo que essas representações (ou mapas) induziram a construir. A dupla capacidade das formas simbólicas é também inerente à ordem ritual: não só produzimos realidade, como também mantemos aquilo que produzimos. O ritual é o principal meio, embora seja mais do que um meio, através do qual a ordem é imposta aos impulsos díspares e contingentes da acção humana. O ritual cria e recria as formas simbólicas – os sentimentos, os ideais morais e as crenças – em que se baseiam os laços da sociedade. A Comunicação gera a cultura; e pelo ritual, a comunidade é celebrada.

Exemplos da compreensão de Carey sobre as relações intrínsecas entre Comunicação e ritual nas sociedades modernas podem certamente incluir eventos desportivos, jogos de cartas, dominó e xadrez, festas religiosas, profanas e cívicas, cerimónias de casamento ou de celebração da vida e da morte, entre muitos outros eventos, comemorações e actividades da vida diária onde se conjugam interacção simbólica, interpretação, participação e associação em contextos marcantes para a vida quotidiana e societal. Referimos já a evocação que Carey faz da perspectiva durkheimiana segundo a qual as ideias e as crenças emergem de práticas sociais, em especial de práticas rituais. Vale a pena recordar que é pelo sagrado e não pelo divino que Durkheim abordou os fenómenos religiosos e é no ritual que percebe o processo de criação dos símbolos, bem como a imbricação entre os símbolos e o sagrado. Carey compreendeu admiravelmente que a perspectiva da religião do sociólogo francês reenvia para todas as relações em que simbólico, sagrado e ritual se entrelaçam. Os rituais honram o que é valorizado socialmente, isto é, os “objectos sagrados” na terminologia durkheimiana. Para Carey, a existência de uma sociedade pressupõe o processo de

Comunicação, de interacção mediada simbolicamente, gerador das crenças e representações, porque os indivíduos, vivendo próximos uns dos outros, através do ritual e do cerimonial, têm a capacidade de criar o sagrado. Por outras palavras: a pulsão do sagrado é instigada pela sociedade e a sociedade é consagrada pelo ritual. Trata-se de uma compreensão complexa e abrangente da Comunicação em confronto com perspectivas reducionistas ancoradas em concepções científicas e mecanicistas tão presentes hoje nos novos territórios das tecnologias da informação veiculadas geralmente pelas culturas profissionais da engenharia, informática e da gestão.

A ênfase de Carey na Comunicação em co-presença, na interacção focalizada, na importância dos pequenos sistemas sociais e na primazia dada aos lugares concretos onde se forja a construção de sentido provém da relevância que concede ao ritual como experiência social comunicativa, primária e intensa, de criação de emoções, conhecimento, moral e comunidade (ou mesmo “união mística”). Para explicar a construção do sentido, Carey centra-se no ritual e não – distinguindo-se assim de outras figuras dos estudos culturais – na procura dos códigos ou em estruturas muito gerais e abrangentes de mentalidade¹⁰. Salienta a faceta simbólica dos ritos e os ritos como acção simbólica constituinte da cultura de uma comunidade ou sociedade. Rituais participatórios e actividade simbólica são fenómenos concatenados. No ritual, a (inter)acção simbólica, a Comunicação; através da (inter)acção simbólica, da Comunicação, a criação da cultura, isto é, a co-criação de significados partilhados ou, por outras palavras ainda, a construção, preservação e transformação da cultura. Por isso, a cultura é colocada, por Carey, no centro, e identificada, em primeira instância, com o ritual e a conversação (CAREY, 1997a, p.321). É neste sentido que a Comunicação é cultura.

¹⁰ Randall Collins, um dos mais reputados sociólogos norte-americano da actualidade, realça três programas principais para estudar o ritual: o “ritualismo sub-cognitivo”, o ritualismo funcionalista (incluindo a variante do ritual de interacção de Erving Goffman) e a procura de códigos (e os seus críticos). Collins integra os dois últimos programas nas tendências culturalistas ([2004] 2005, p.9-30).

A focalização no ritual é acompanhada por uma consideração da Comunicação feita não a partir de meios tecnológicos de Comunicação (o mesmo é dizer da visão transmissiva embutida em tecnologias), mas da ênfase na formação oral-corporal da cultura. A relação entre Comunicação, corpo e incorporação aparece, assim, como questão central: é no ritual que se encontra a forma mais incorporada de cultura, sustenta Carey (1997a, p.314). A conversação requer a presença actuante dos corpos, a co-presença. Falar é entrar numa relação social “activando e exibindo todas as capacidades do corpo” (CAREY, 1997a, p.314). Com Carolyn Marvin, poderemos acrescentar o vestuário, ornamentos, perfumes, danças, canções, festas, oratórias que tomam o poder físico do corpo seriamente e amplificam a sua aura, no sentido da sua presença comunicativa (2006, p.69).

No ritual e na conversação, os signos têm uma “agência” intrínseca, são símbolos fiduciários, significados adquiridos através da incorporação e exteriorização que os símbolos nos despertam. O corpo contém memória e não apenas discurso, a oralidade e a conversação exteriorizam o corpo em toda a sua capacidade de apreender, utilizando não apenas a audição, mas também o visual, o olfactivo, o gestual, o toque¹¹.

A conversação e a Comunicação oral implicam a simultaneidade da presença, a incorporação da linguagem e a memória, isto é, a “sinestesia dos sentidos”, escreve Carey. A conversação é “o modo de presença imediata disponível em todos os canais sensoriais” (CAREY, 1997a, p.315). Compreende-se assim uma das mais controversas considerações de Carey: todos os rituais têm início no ambiente envolvente da conversação, embora os rituais possam também ter lugar através de formas mediadas, como a imprensa, a televisão e a internet; mas estas formas, mais do que criadoras de comunidade, lembram-nos as comunidades alguma vez incorporadas no ritual e na

¹¹ Este tópico tem sido desenvolvido, entre outros, por autores como Erving Goffman ([1959] 1993), Roy Rappaport (1979; [1999] 2000)

conversa¹². É neste ponto da argumentação que a perspectiva de Carey se distancia das propostas de vários autores dos estudos culturais para pensar a Comunicação como ritual (LULL, 1988; MORLEY, 1992; COULDRY, 2003) ou até de Daniel Dayan e Elihu Katz (1992).

Valorizando a presença do ritual na Comunicação mediada tecnologicamente, Carey privilegia o oral e a co-presença por razões descritivas e morais. Vejamos os seus argumentos. A Comunicação entendida como metáfora do ritual solicita e impulsiona uma situação original de igualdade porque a co-presença e a propinquidade implicam ceder espaço para a resposta como condição da sua continuidade. A interacção presencial tende também a reforçar o reconhecimento dos outros na sua totalidade. Por exemplo, na conversa¹² há que lidar com todo o peso das palavras, porque ela põe em jogo e em risco não só as nossas mentes mas também os nossos corpos. Falar através do processo conversacional é convidar e ao mesmo tempo pedir uma resposta, é temperar, através de expressões implícitas e explícitas de respeito, as nossas objecções e diferenças.

O núcleo central da argumentação teórica de Carey assenta em dois aspectos: por um lado, na afinidade que procura estabelecer entre Comunicação, ritual, conversa¹² e incorporação como elementos promotores de cultura e de sentido de comunidade; por outro, o âmbito das mudanças sociais, económicas e políticas que se podem relacionar com a Comunicação tecnologicamente mediada, em particular as tecnologias ligadas à conquista do espaço e à transmissão de mensagens, ordens e mercadorias à distância. Mas poder-se-á perguntar: perante as forças centrípetas da modernidade capitalista e a constatação de um universo cultural onde a

¹² A este título, importa notar que, apesar de Carey se referir a Durkheim no que respeita à relação entre ritual e sociedade, a sua defesa de que os rituais mediados pelos *media* nos fazem sobretudo recordar as comunidades já incorporadas no ritual pode também encontrar apoio num autor insuspeito de ser confundido com a tradição durkheimiana, Gabriel Tarde, nomeadamente na argumentação desenvolvida em *Opinião e Multidão* ([1901] 1981) .

comunidade de significado não pode ser tomada como garantida, a visão de Carey não correrá o risco de negligenciar o conflito e o poder no quadro da própria Comunicação ritual? Carey não ignora este tipo de questionamento, respondendo que a ênfase no ritual, na tradição oral e na cultura não exclue os tópicos do poder e do conflito. Afirma-se consciente de que todas as sociedades são atravessadas por antinomias e contradições (ecológicas, estruturais e culturais), assim como por diferenças de classe, estatuto e poder, que são tão difíceis “de erradicar como o programa biológico ou as fontes culturais nas quais estão baseados” (CAREY, 1997a, p.315). Carey acredita que é necessário situar ou localizar os mecanismos através dos quais as diferenças de poder e os conflitos podem ser “enterrados, desviados, resolvidos, exercidos e agregados a interesses” (CAREY, 1997a, p.315). Esse *locus* é o ritual: porque este é uma forma de disputa tanto quanto o conflito é uma forma ritual. É no ritual onde se jogam as relações de força, pois os conflitos envolvem mais do que interesses económicos; eles dizem respeito a motivações estéticas, morais e políticas (numa palavra, a significados). É ainda pelo ritual que se ergue uma outra ordem que não é a da comunhão ou a procura do sentido comum, mas a do banimento, de exclusão, afirma Carey, sugerindo o exemplo da pena de morte como ritual de excomunhão perpetrado pelo Estado (CAREY, 1997a, p.316)¹³.

¹³ A respeito da ideia de ritual de excomunhão, vale a pena referir o seu longo ensaio, “Political Ritual on Television. Episodes in the History of Shame, Degradation and Excommunication”, escrito em 1998, onde Carey chama a atenção para importância de considerar este tipo cerimónias de humilhação e excomunicação como categorias importantes dos *media events*. Carey considera que estudar os rituais de exclusão é uma tarefa que não tem sido realizada e deve ser incluída no âmbito dos estudos sobre os acontecimentos mediáticos: “Curiosamente, os rituais de degradação não têm merecido especial atenção de Elihu Katz e Daniel Dayan na análise poderosa e instrutiva contida em *Media Events: The Live Broadcasting of History* (1992). O objectivo deste ensaio é começar a corrigir o desequilíbrio, isolar uma classe de cerimónias cujo significado escapa às categorias através das quais aqueles autores classificam os eventos mediáticos” (CAREY, 1998, p.43).

Conclusão

Ao longo deste artigo, mostrámos como a Comunicação é, para Carey, o processo complexo que constrói, altera e mantém o mundo da cultura, isto é, o mundo plural e diverso das formas simbólicas que dão sentido à existência humana. Esta é uma concepção de Comunicação que Carey partilha com a corrente dos *cultural studies*. Neste sentido, Carey explorou a noção de que as formas simbólicas são mapas que criamos e usamos para nos guiarem na vida social e no mundo. Mas a contribuição crucial de Carey, contribuição de sentido crítico ao padrão comunicacional dominante, situa-se num outro plano: o da destrinça entre os mapas transmissivos (ou mecanicistas), por um lado, e os rituais ou culturais da Comunicação, por outro. Enquanto os primeiros vêem a Comunicação como transmissão e troca de mensagens, o que significa abrir a possibilidade de a transformar num meio para quaisquer fins, incluindo tornar-se instrumento para a persuasão e influência geralmente ao serviço da economia, da dominação e do poder à distância, os segundos concebem a Comunicação como o processo intersubjectivo de criação, manutenção e alteração de significados e cultura com que se compreende uma realidade partilhada. Para Carey, a Comunicação deve ser entendida como sendo fundamentalmente um ritual participatório no qual e através do qual geramos, mantemos e transformamos a cultura. Não nos limitamos à transmissão de mensagens, co-criamos e partilhamos rituais culturais que definem a realidade. Mais ainda: com o entendimento de que a Comunicação é um mapa “de” e “para” a realidade, Carey sugere que podem existir, não uma, mas várias perspectivas culturais da Comunicação. Se é comum às perspectivas culturais serem mais receptivas a conceitos como significado, interpretação, pluralidade das culturas, Carey não se limita ao relativismo das preferências culturais, antes insiste numa perspectiva cultural que procura a conjugação entre Comunicação, participação, partilha, associação, vida cívica e democracia. Em síntese: Comunicação e comunidade.

Elucidando que os modelos “de” estudo da Comunicação são também modelos “para” a Comunicação, a abordagem de Carey deve ser pensada como uma proposta de um mapa cultural da Comunicação que a procura estudar através da descoberta da capacidade de invenção de novos modelos quotidianos de interação, da compreensão do seu aspecto ritual, fazendo uso de abordagens qualitativas para interpretar a dinâmica e a diversidade das suas expressões.

Referências

- ARAÚJO, C. A. A Pesquisa Norte-Americana. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. (Orgs.) **Teorias da comunicação**. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 119-130.
- CAREY, J. W. Political Ritual on Television. Episodes in the history of shame, degradation and excommunication. In: LIEBES, T. e CURRAN, J. (eds.). **Media, ritual and identity**. Nova Iorque: Routledge, 1998. p. 42-70.
- _____. Afterword/The Culture in Question. In: MUNSON, Eve S.; WARREN, C. A. (eds.). **James Carey. A critical reader**. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 1997a. p. 308-339.
- _____. Reflections on the Project of (American) Cultural Studies. In: FERGUNSON, M.; GOLDING, P.(Orgs.). **Cultural studies in question**. Londres: Sage, 1997b. p. 1-24.
- _____. A Cultural Approach of Communication. In: **Communication as culture. Essays on media and society**. [1975]. Londres: Routledge, 1992a. p. 13-36.
- _____. Mass Communication and Cultural Studies. In: **Communication as Culture. Essays on Media and Society**. [1977]. Londres: Routledge, 1992b. p. 37-68.
- _____. Overcoming Resistance to Cultural Studies. In: **Communication as culture. Essays on media and society**. [1986]. Londres: Routledge, 1992c. p. 89-110.
- _____. Graduate education in mass communication. **Communication education**, v. 28, p. 282-293, Setembro 1979.
- _____. Mass Communication Research and Cultural Studies: an American View. In: CURRAN, J.; GUREVICH, M.; WOOLACOTT, J. (Edts.). **Mass communication and society**. Londres: Edward Arnold, 1977. p. 409-425.
- CAREY, J. W.; GROSSBERG, L. From New England to Illinois: The Invention of (American) Cultural Studies: James Carey in Conversation with Lawrence

Grossberg, Part I. In: PACKER, J.; ROBERTSON, C. (Edts.). **Thinking with James Carey. Essays on communications, transportation, history.** Nova Iorque, Berlin, Bruxelas e Oxford: Peter Lang, 2006a. p. 11-28.

_____. Configurations of Culture, History, and Politics: James Carey in Conversation with Lawrence Grossberg, Part II. In: PACKER, J.; ROBERTSON, C. (eds.). **Thinking with James Carey. Essays on communications, transportation, history.** Nova Iorque, Berlin, Bruxelas e Oxford: Peter Lang, 2006b. p. 199-225.

CMIEL, K. (Recensão de) James W. Carey. *Communication as Culture: Essays on Media and Society.* **Theory and Society**, v. 21, n. 2, p. 285-290, 1992.

COLLINS, R. **Interaction ritual chains.** [2004]. Nova Iorque e Oxford: Princeton University Press, 2005.

DEWEY, J. **Democracy and education. An introduction to the philosophy of education.** [1916]. Nova Iorque: Free Press, 1944 .

DURKHEIM, E. **As Formas elementares da vida religiosa. O sistema totémico na Austrália.** [1912]. Oeiras: Celta Editora, 2002.

GOFFMAN, E. **A Apresentação do Eu na vida de todos os dias.** [1959]. Lisboa; Relógio d'Água, 1993.

HALBWACHS, M. **Morphologie sociale.** Paris: Colin, 1930.

LULL, J. **World families watch television.** Beverly Hills, CA: Sage, 1988.

MARX, L. **Machine in the garden. Technology and the pastoral ideal in America.** [1967]. Oxford : Oxford University Press 2000.

NOBLE, D. F. **The religion of technology. The divinity of man and the spirit of invention.** Nova Iorque: Knopf, 1997.

RAPPAPORT, R. The Obvious Aspects of Ritual. In: _____. **Ecology, meaning, and religion.** Berkeley, CA: North Atlantic Books, 1979. p. 173-221.

RAPPAPORT, R. **Ritual and religion in the making of humanity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ROSEN, J. "Introduction/'We'll Have that Conversation': Journalism and Democracy in the Thought of James W. Carey. In: MUNSON, E. S.; WARREN, C. (Orgs.). **James Carey. A critical reader.** Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 1997. p. 191-205.

SHILS, E.; FINCH, H. A. (Edts.). **The methodology of social sciences.** Glencou, Illinois: The Free Press, 1949.

SUBTIL, F. James W. Carey. Uma Voz que Clamou por Mais e Melhor Democracia, **Media & Jornalismo**, a. 5, n. 9, 2006, p. 133-136.

TARDE, G. **A opinião e a multidão**. [1901]. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.

THOREAU, H. D. **Walden ou a vida nos bosques**. [1854]. Lisboa: Antígona, 2009.

Filipa Subtil

Doutorada em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; foi *visiting scholar* no Departamento de Communication Studies da Universidade do Iowa, Iowa City (2010) e no Mulhenberg Collegue (2008), Allentown, nos EUA. Os seus interesses de investigação têm-se centrado na sociologia da Comunicação, na teoria social dos media nos EUA e Canadá e nas problemáticas que relacionam os media com as questões de género, áreas onde tem publicado artigos e capítulos de livros. Publicou, em 2006, o livro *Compreender os Media. As Extensões de McLuhan* (Minerva Coimbra).

Recebido: 04.03.2013

Aceito: 11.02.2014

ERRATA

INTERCOM-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - v. 37, n.1 (jan.-jun. 2014), p.19-44.

a) página 22, última linha – onde se lê: ... “leitura de The Logic of Cultural Sciences”..., leia-se: “...leitura de Critical Studies in The Logic of Cultural Sciences...”

b) página 30 - primeiro parágrafo após as citações recuadas, 4ª.linha - onde se lê: “... disseminar notícias e divertimento a distancia cada vez ...” leia-se: ...disseminar notícias e divertimento a distancia cada vez mais ...

c) página 42 – 3ª.linha, onde se lê: ... proposta de mapa, leia-se: ... proposta de um mapa

d) página 32 – primeiro parágrafo que inicia por “Carey conjectura...), linha 9ª linha- onde se lê ...“A visão transmissiva conduziu a uma ênfase na linguagem como instrumento de acção dramática, do pensamento como essencialmente conceptual e individual ou reflexivo e do simbolismo como sendo sobretudo analítico. A visão ritual, por um lado, vê a linguagem como um instrumento da acção dramática, do pensamento como essencialmente situacional e do simbolismo como fundamentalmente fiduciário” (CAREY, [1975] 1992ª, p.22). Leia-se: A visão transmissiva conduziu a uma ênfase na linguagem como um instrumento de acção prática e da razão discursiva, do pensamento como essencialmente conceptual e individual ou reflexivo, e do simbolismo como sendo sobretudo analítico. A visão ritual, por outro lado, vê a linguagem como um instrumento da acção dramática, do pensamento como essencialmente situacional e social, e o simbolismo como fundamentalmente fiduciário” (CAREY, [1975] 1992a, n.4, p.22).